

## CONTRIBUIÇÃO CRÍTICA PARA UMA NOVA VISÃO NO ENSINO DA EXTENSÃO RURAL

Hugo Aníbal Gonzalez Vela<sup>12</sup>

Esta breve reflexão deriva-se da palestra proferida por ocasião do I Encontro sobre o Ensino de Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável da Região Sul, realizado na Universidade Federal de Santa Maria, RS, e que teve como objetivo principal o de “procurar uma nova abordagem para o ensino de Extensão Rural (ER), visando uma adequação da formação profissional de ciências agrárias às demandas e questionamentos contemporâneos”, entre os quais se encontra a elaboração de uma nova concepção científica presente no ideário de um desenvolvimento sustentável.

O enfoque parte de uma análise histórico-evolutiva da ER, salientando pontos de discussão ainda não resolvidos, bem como os novos desafios de adaptação e de transformação dessa disciplina. Para isso, essa reflexão segue duas dimensões paralelas, o resgate histórico da ER enquanto disciplina curricular, com seus aspectos internos, teórico-acadêmicos, e seus aspectos externos, como demandas sociais e a emergência de novas perspectivas para o desenvolvimento rural. Assim, o trabalho não se apresenta como um monobloco, mas como uma série de assuntos relacionados, envolvendo questões como a cientificidade da ER, sua prática histórica, a crise do Sistema de Conhecimentos Agrários (SCA), a motivação e interesse dos acadêmicos, a demanda social pelo ensino de tal disciplina, e os paradigmas emergentes no conjunto dos seus conteúdos. Por tratar-se de uma reflexão, como exposição para um evento específico, com variantes nos assuntos da discussão, o mesmo apresenta dados de caráter conjuntural e histórico, às vezes predominando os primeiros, às vezes os segundos, mas a maioria das vezes os mesmos se cruzam, a fim de dar o sentido do presente a uma discussão teórica. Por isso mesmo, as colocações não têm a pretensão de serem verdades acabadas, mas apenas uma reflexão de um processo em marcha, e nesse caso, o ensino da disciplina de Extensão Rural.

---

<sup>12</sup> Prof. Dr. Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM.

## 1. Questões de Ordem Interna

### 1.1. Extensão Rural: A Procura de uma Identidade

A crítica atual ao ensino de Extensão Rural está localizada no conjunto da crítica geral que se faz ao Sistema de Conhecimentos Agrários (SCA), entendido aqui como sendo o conjunto de atividades, processos, conhecimentos e experiências gerados por indivíduos entre todas suas ações. Especificamente, no que se refere a ER, alguns chegam até superestimar sua participação nos desequilíbrios provocados nas sociedades rurais por ocasião do processo de modernização da agricultura durante o período da chamada Revolução Verde. Essa postura obviamente é consequente, mas ela é muito relativa em relação ao conjunto das transformações nocivas na sociedade contemporânea, cujas causas estão enraizadas na própria concepção de uma civilização tecnocrática-capitalista. Cabe observar que o ensino da ER nasce, na sua raiz primária, de uma concepção global de desenvolvimento baseado no uso intensivo de capital e tecnologia, entendida essa última como industrialização desmedida.

Nesse resgate histórico, o primeiro fato a observar, antes da crítica aos efeitos provocados pelo ensino de uma disciplina ligada a práticas históricas definidas, é o seu lado interno, isto é, qual seu efetivo grau de cientificidade, qual sua efetiva identidade no conjunto dos conhecimentos sociais agrários? Difícil de encontrar. Porque a Extensão Rural nasceu como uma “metodologia para o rural” desde seu início. Os escritos e sua prática histórica estão ali, hoje, há mais de 100 anos, para provar que ela não nasceu na academia com a finalidade de criar conceitos, hipóteses, elaborar teorias, mas apenas como uma metodologia necessária para dar vazão a um conjunto de pressupostos originados em algumas áreas das ciências sociais tendo suporte técnico no SCA<sup>13</sup>.

Cabe salientar que a discussão sobre sua cientificidade parece-me ser bem mais de cunho acadêmico, pois para seus principais promotores sempre esteve muito claro do que se tratava. A grande maioria dos documentos oficiais sobre a Extensão Rural fazem claramente referência a mesma nem sequer como metodologia, mas como técnica de transferência de tecnologia, e mais tarde, de idéias. Cabe ressaltar que em 1991 o relatório da Conferência Mundial sobre ER mostrava que no mundo todo, 90% dos serviços de ER continuavam sendo de origem estatal<sup>14</sup>.

Nesse contexto, a ER nasceu com paradigmas emprestados dos conhecimentos da Administração e da Economia sobre o meio rural. A seguir, sentiu-se a necessidade de pedir

<sup>13</sup> Uma história cronológica a esse respeito foi didaticamente trabalhada por Maria das Graças Florestal Leal e Geraldo Magela em: *Extensão Rural e Formação Profissional*. In MEC-ESAL. *Cadernos de Extensão Rural*. M. G. V. 5 n. 1 e 2. 1993 p 27 - 39.

<sup>14</sup> FAO - EMATER RS. *Consulta Mundial sobre Extensão Rural*. Resumo preparado por BINS. C. F. Porto Alegre 1991. p 4.

emprestado alguma coisa da Sociologia e assim sucessivamente. E quando foi a hora de entrar em campo, não se podia ir sem as ferramentas da comunicação, não enquanto teoria, mas apenas aproveitando seus meios. Como metodologia tudo era utilizado para conseguir explicar a intervenção entre alguns segmentos da sociedade rural, baseada nos resultados práticos das pesquisas geradas pelo Sistema de Conhecimentos Agrários.

No decorrer da história da disciplina de ER, pouco ou quase nada se observa no interior da idéia de Extensão Rural, que manifeste um avanço ou uma procura pela afirmação de uma identidade própria, não por falta de interesse entre seus interlocutores, mas por que cada vez mais sua função de metodologia de transferência foi se solidificando, até sua nova e mais profunda crise teórica, que coincide com o questionamento geral de todo o Sistema de Conhecimentos Agrários e seu ensino.

Baseado nessas constatações, cabe fazer a primeira pergunta: ao buscar definir um novo modelo para o ensino de Extensão Rural, não cabe de uma vez por todas deixar definido o fato de que a Extensão Rural não é uma ciência, e sim uma metodologia de transferência de informações, buscando melhorá-la nesse sentido?

Se se constata que a mesma não é uma ciência e sim uma metodologia, pode-se traçar planos para procurar um paradigma próprio, ou buscar modificações pedagógicas e acadêmicas para seu ensino, em função das novas propostas para o desenvolvimento rural.

### **1.2. A *Mea Culpa* ou a Relatividade de Sua Participação**

Contrários a todo o alarde sobre a culpabilidade da Extensão Rural como aparelho de estado no conjunto dos desequilíbrios sócio-econômicos e ambientais ocorridos no contexto da chamada modernização da agricultura, estão os dados objetivos que levam a relativizar ainda mais o ensino de ER como uma das principais variáveis dos desequilíbrios observados.

Em 1988, aproximadamente meio século depois do modelo de ER norte-americano se tornar universal, haviam no mundo 600 mil extensionistas rurais, para um bilhão e duzentos milhões de agricultores precisando dos seus serviços. Do total desses técnicos, 90% estavam nos países desenvolvidos e nem todos tinham cursado a disciplina de ER nos bancos universitários, 40% deles tinham instrução secundária, 33% formação técnica de nível médio, e 27% tinham curso superior, sendo que nos países em desenvolvimento essa percentagem era de 8% contra 20% nos países desenvolvidos. Sobre essas bases, o papel e a participação da disciplina de Extensão Rural no curriculum das Ciências Agrárias e, conseqüentemente, na formação do

extensionista não tem sido tão relevante e culposa quanto se pensa<sup>15</sup>. No caso que hoje nos ocupa, qual seja o do ensino de ER na região sul do Brasil, cabe observar que a EMATER-RS registra que de todo seu pessoal, 43% possui formação de nível superior, e 57% de nível médio. E a relação dos especialistas, no global da instituição, é de 6,7%<sup>16</sup>. Nos países menos desenvolvidos, existe uma relação de 1 extensionista para cada hum milhão e oitocentos mil produtores. No Rio Grande do Sul existe uma proporção, segundo dados da EMATER-RS, de 1 extensionista para hum mil e quatrocentos produtores.

Sobre essas bases, cabe se fazer uma segunda pergunta nessa exposição, qual a dimensão real, ou qual a dimensão ideal da participação dessa disciplina no ato educativo? Ato educativo entendido aqui como uma intervenção deliberada no processo educacional com vistas a uma mudança. E nesse caso, não apenas no individuo, como também no Desenvolvimento Rural, sob quaisquer adjetivações.

### 1.3. A Crise do Sistema de Conhecimentos Agrários

Ao buscar discutir não apenas a questão da identidade, mas também o seu real dimensionamento para seu uso na educação de profissionais para o desenvolvimento rural, cabe ainda situar essa disciplina e seu ensino no conjunto de atividades e processos gerados por individuos, num conjunto de ações que Ruling<sup>17</sup> chamou de Sistema de Conhecimentos Agrários.

Quando a disciplina de ER é vista sob o prisma sistêmico aplicado aos conhecimentos agrários, e por sua vez, observando-se a crise atual desse sistema, verifica-se uma grande fragilidade e dificuldade de se definir áreas e conteúdos para tal disciplina, pois a mesma, tal qual foi planejada desde um inicio, como técnica de difusão, ainda se encontra no último elo da ligação de tal sistema.

Bunting<sup>18</sup> sustenta que o Sistema de Conhecimentos Agrários está formado por cinco componentes, a seguir: 1) o conhecimento armazenado (produção científica); 2) os meios de aumentar o conhecimento (pesquisa); 3) os meios de testar e adaptar conhecimentos; 4) aplicação prática (aplicação de resultados) e; 5) finalmente a disseminação, através da qual o conhecimento passa para todos os membros do sistema, envolvidos nos diferentes componentes. Essa última é a componente em que figura a Extensão, a formação e o ensino.

<sup>15</sup> Ibid. p. 8. e pode ver-se também: FAO-EMATER RS. *Mesa Redonda sobre Extensão Rural para a América Latina e o Caribe*. Resumo preparado por BINS.C. F e BICCA. E. 1990.

<sup>16</sup> Ibid.

<sup>17</sup> RULING, N. *Extension Science*. Cambridge. Cambridge. University Press. 1988.

<sup>18</sup> Citado por CRISTOVÃO, A. *A Extensão Rural e a Universidade: Contributo para uma Reflexão*. In *Revista de Extensão Rural*. Santa Maria. DEAER-CPGENR. n.1 I Sem. 1993.

Nesse contexto, a disciplina de ER se utilizaria então de conhecimentos das Ciências Sociais na procura de colocar em prática os resultados das pesquisas aplicadas originadas no SCA no que se refere à agricultura, a pecuária e ao uso de máquinas e implementos agrícolas, entre outros. Assim sendo, cabe fazer mais uma pergunta para tentar encontrar resposta nesse encontro. Ante a crise de ideologias e paradigmas sociais, e o colapso do ensino agrário no modelo da modernização da agricultura, que novas propostas podem efetivamente servir de base para o ensino de tal disciplina, propostas que efetivamente tenham seguido o processo do Sistema até chegar aos interlocutores, isto é, a transferência real e efetiva de respostas frente às demandas sociais.

E ao falar em colapso do SCA não estou exagerando; o relatório da FAO sobre a Educação Agrícola Superior, publicado em 1993 mostrou, numa pesquisa feita em 500 escolas e programas de ensino agrícola superior na América, tantas deficiências que optou-se por intitular o documento de: **La Urgencia del Cambio**<sup>19</sup>.

Neste sentido, parece necessária uma discussão mais ampla dos conteúdos programáticos de tal disciplina, no conjunto de transformações que se procuram dentro do sistema. O que também obriga aos profissionais envolvidos com o ensino de ER a um exercício de interdisciplinaridade entre a pesquisa aplicada e a ação procurada através dos diferentes conhecimentos ministrados nessa disciplina.

Ainda dentro do conjunto de variáveis internas, cabe citar a questão dos acadêmicos das Ciências Agrárias e o ensino da ER.

#### 1.4. A Questão dos Acadêmicos

A permanente crise de identidade em que se desenvolve a ER agravada pela problemática originada pelo esgotamento do modelo de desenvolvimento rural nos moldes de uma ciência tecnicista e pulverizada, tem mostrado que “existe um desinteresse dos alunos com referência à disciplina de ER e outras correlatas”<sup>20</sup>.

Que níveis de técnica e motivação serão, então, necessários de serem incorporados ao processo didático-pedagógico a fim de manter o interesse do aluno por tal disciplina, sem o uso sequer da violência simbólica de Bourdieu e Passeron.

<sup>19</sup> FAO. Educación Agrícola Superior/La Urgencia del Cambio. Santiago. 1993. Série Desarrollo Rural n.10 - Redes de Cooperación Técnica

<sup>20</sup> A esse respeito podem ver-se os dados das conclusões do “Encontro de Extensão Rural do ConeSul”. CPGE-R. Santa Maria. Novembro de 1995. Especialmente os do grupo de trabalho sobre a ER e a Universidade. item sobre o Ensino.

Pois bem, se elementos como a identidade dos conteúdos, situação no conjunto do SCA, dimensionamento ou abrangência, e motivação de acadêmicos em relação à disciplina de ER, considero-os de ordem interna, possíveis de serem trabalhados no âmbito institucional universitário; certamente tal processo de transformação de uma disciplina deve responder a uma demanda da realidade objetiva, a fim de que os conhecimentos científicos a serem oferecidos sejam, como diria o velho Althusser, mal ou bem, reflexos de uma realidade. Desde essa perspectiva, cabe então assinalar alguns desses aspectos.

## 2. Questões de Ordem Externa

### 2.1. A Demanda pelo Ensino de Extensão Rural Continua

Apesar da crítica internacional, e do desmantelamento nacional, as propostas globais indicam que a ER tende a continuar. De um lado, como um dos poucos serviços ainda propostos por organismos estatais, como observei ao início, 95% dos serviços no mundo ainda são oficiais, e de um outro, por que a demanda das sociedades agrícolas por inovações se torna cada dia mais acentuada. Isso sem contar com todos aqueles que nem sequer tiveram qualquer tipo de contato com extensionistas, até os dias de hoje.

De um outro lado, os relatórios dos especialistas reunidos na Conferência Mundial e na Mesa Redonda sobre ER na América Latina apontaram para seus países a necessidade de um incremento da ação extensionista. No caso do cone sul, o grupo de trabalho sobre a ER oficial durante o Encontro de ER do Cone Sul, reunindo especialistas dos quatro países signatários mostrou que a ER, antes de desaparecer, tende a se metamorfosear através de outras estruturas, mostrando três nuances: Uma ER de caráter puramente oficial, uma híbrida, no modelo das parcerias, e uma outra, inteiramente privada.

No caso da demanda oficial, a direção da EMATER-RS sustenta: '*estamos investindo no pessoal da Casa e na capacitação de técnicos...*'. Tais investimentos obedecem a resoluções da Conferência Mundial, que orientam tais empresas a preocupar-se mais com a qualificação dos extensionistas do que com o número deles<sup>21</sup>. Por outro lado, grupos privados como os CITEs e GRETAs<sup>22</sup>, procuram profissionais capacitados em ER.

Frente a esse fato, surge uma outra interrogante: Qual o perfil da disciplina, ideal para atender à diversificação da demanda?

<sup>21</sup> Consulta Mundial. op cit p 10.

<sup>22</sup> CITEs - Centros de Integração e Troca de Experiências.  
GRETAs - Grupos Regionais de Tecnologia Agropecuária.

Como se não bastasse esse desafio, ainda existe um outro maior, solicitado pelos extensionistas reunidos em 1993 no Seminário sobre ER da região sul-sudeste, aos mestres do ensino de ER. *‘As ações...- dizem os extensionistas - sinalizam na busca de um novo paradigma de desenvolvimento agropecuário, ainda não totalmente equacionado’*<sup>23</sup>. E para que esta mudança de postura se efetive é fundamental que as instituições de ensino, pesquisa e extensão se preocupem em apresentar e consolidar novos conhecimentos e estratégias.

Nesse sentido cabe então continuar a reflexão sobre quais seriam esses paradigmas emergentes.

## 2.2. A Questão das Idéias Emergentes no Contexto do Desenvolvimento

No mundo atual, já se escreveu e se realizaram eventos internacionais sobre o Fim da História e o Último Homem. Sobre o consenso neoliberal no conjunto da sociedade humana, da Era de Paz pelo fim dos conflitos militares. Entretanto, tais idéias, parecem carecer de seu devido reflexo na vida objetiva. A história continua, os milhões de desempregados e as empresas em falência parecem ter entrado em desacordo a respeito do consenso, e a violência civil e militar parecem ter rompido a trégua. O sonho acabou, como diria o falecido John.

Contudo, há toda uma estratégia para conduzir os seres humanos a entender o caráter global do seu planeta. Mesmo sem consenso, a realidade demonstra a organização dos megablocos econômicos e suas derivações, e com eles, os novos processos e estratégias de desenvolvimento, entre os que se situa o chamado desenvolvimento sustentável. Entretanto, tudo indica que nesse momento não podemos nos aprofundar nos aspectos macro da questão, mas tentar relacionar o ensino da ER com o desenvolvimento sustentável da região sul.

Nesse contexto, surge uma outra interrogante: como se conseguirá, efetivamente, o desenvolvimento sustentável, que emerge como um consenso bastante genérico a respeito de que a tecnologia e a sustentabilidade devem corresponder, a um só tempo, à produção de práticas economicamente viáveis, socialmente justas e ecologicamente equilibradas, frente a uma realidade insustentável, representada pelos desequilíbrios sócio-econômicos globais?

A retórica oficial oriunda da ECO 92 e conhecida como Agenda 21 não parece ter intimidado os chineses e os franceses, que responderam com sucessivos testes atômicos. Um dos últimos relatórios da ONU sobre o desenvolvimento demonstra que 86% da riqueza do planeta está apenas com 26% da população global, nos bolsões chamados de primeiro mundo. Apenas 15% dos recursos para pesquisa e medicamentos são destinados para  $\frac{1}{4}$  da população global

<sup>23</sup> EMBRAPA-EMATER (ES). Relatório do Seminário de Extensão Rural Sul-Sudeste, 1993. Vitória. ES. p 10 e seg.

chamada de Terceiro Mundo. E Strahm<sup>24</sup> já mostrou que 40% das florestas do globo que existiam no início do século, já foram destruídas, e que mais de 20% dos solos globais estão degradados.

Dia a dia se observa o crescimento das megalópolises, e o desemprego generalizado pelo planeta, independente de nação, agora recebe o nome de “estrutural”. Mas continua sendo, na prática, o que antigamente se chamava falta de trabalho. Na América Latina 78% dos agricultores familiares não tiveram ainda acesso sequer a ER difusionista.

Contudo, alguma coisa terá que ser feita, e nesse sentido existem numerosas organizações que congregam cientistas, pensadores, técnicos, professores, agricultores, entre muitos outros interessados e curiosos, em discutir novas propostas para o desenvolvimento humano. Nesse sentido, a hipótese do desenvolvimento sustentável toma corpo e sentido agora no final de século, como uma das propostas mais aceitas no conjunto da sociedade humana. Tal proposta sustenta que através de um conjunto de ações humanas, é possível se chegar a um mundo economicamente viável, socialmente justo e ecologicamente equilibrado. Os mais ardorosos defensores se reúnem em confrarias para discussão. E os mais duros críticos cobram um projeto pronto, demarcado, com custos e benefícios.

Neste sentido, a proposta da sustentabilidade, não tem imediatamente uma resposta, não ao nível molecular, mas ao nível socio-ambiental, pois trata-se de um hipótese em construção, que parte de uma base coletiva, de participação dos diferentes setores sociais, por isso mesmo, ao desenvolvimento sustentável, tanto emperra o movimento de confraria, como o crítico-tecnocrático. Há, ali, na sustentabilidade, uma visão do todo, do sistema, e por isso mesmo, para sua compreensão, são necessários os conhecimentos de todos. Sem qualquer confusão.

Assim, pressupõe-se que para uma sociedade caminhar para a sustentabilidade imaginada, toda educação e seu ensino, e no caso que nos ocupa, do ensino da disciplina de ER, passe a aceitar, como princípio básico, que a preservação dos ecossistemas naturais-humanos representa a sobrevivência da sociedade com relação ao seu meio ambiente. E de um outro lado, considerar que esse ensino deve ser implementado pela formação através da ação.

Desde a perspectiva do desenvolvimento sustentável, ao pressupor ações como a gestão comunitária dos Recursos Naturais, coloca a questão para um ensino da ER nesse sentido, da necessidade de compreender as particularidades locais, regionais, nacionais e sua relação com o contexto da aldeia global, da cultura geral, salientando as diferentes maneiras de percepção do universo e da natureza, da sociedade, do homem, e da mulher.

---

<sup>24</sup> STRAHM, H. R. *Subdesenvolvimento/Por que somos tão pobres?* Petrópolis, RJ. Vozes, 1993.



Sob essa perspectiva, tanto o ensino formal de ER, quanto o não formal, em campo, para trabalhar com a gestão comunitária dos recursos naturais, requer uma combinação do ensino teórico com trabalhos práticos orientados para base de usos múltiplos no conjunto do SCA, tais como sistemas agrícolas e agropecuários integrados, agricultura escalonada, aquacultura, aquapecuária, entre outros.

Esse trabalho de ensino de ER será facilitado se no Conjunto do SCA os envolvidos conhecerem os ecossistemas nos níveis local, regional e nacional, utilizando de preferência uma metodologia dimensional de trabalho em equipe, capaz de desenvolver a cooperação multidisciplinar e de inventar métodos práticos e formas de pesquisa participante no conjunto das demandas sociais.

Nesse sentido, todos os protagonistas da mudança, na direção da pretendida sustentabilidade, devem fazer parte do processo do SCA, onde o pensar e o agir dos envolvidos, especialmente com o ensino da ER, devem rever seus métodos pedagógicos, teóricos e práticos, rever seus conteúdos, assim como redimensionar seu papel no conjunto das transformações sociais.

### 3. A Reestruturação da Linha Curricular

A primeira ação de caráter integrador pela realização do projeto foi a de ampliar significativamente a carga horária das disciplinas ligadas às ciências humanas. Porém, isto criou um desequilíbrio na estrutura curricular do curso que comprometeu a formação técnica do estudante a ser formado.

Com o intuito de ser possível, desde o início do curso, professores há vários anos da Unidade de Agricultura, Criação e Desenvolvimento Agrário do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INAPG), de primeira instância, estabelecer a coordenação desta linha curricular com as outras, abandonando-se a prática de se fazer uma formação "à mais ou menos" em ciências humanas aos estudantes.